



P E N G U I N



C O M P A N H I A

CLÁSSICOS

EDITH WHARTON

A época da inocência

A ÉPOCA DA INOCÊNCIA

EDITH WHARTON (1862-1937), nascida Edith Newbold Jones, pertencia a uma das famílias mais ilustres de Nova York e estudou com preceptores nos Estados Unidos e no exterior. Viveu por longos períodos na Europa, e de 1913 até sua morte morou na França. Publicou poesias e contos em revistas e em forma de livro antes de lançar o romance *The House of Mirth* (1905), um best-seller que tanto confirmou suas qualidades literárias como demonstrou sua capacidade de agradar ao grande público. Ao longo da vida, publicou mais de quarenta títulos: romances, contos, poesias, ensaios, livros de viagem e memórias. Sua obra mais famosa é, provavelmente, *A época da inocência* (1920), contemplada com o prêmio Pulitzer e adaptada para o cinema por Martin Scorsese em 1993.

HILDEGARD FEIST é formada em Letras Neolatinas pela antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, cursou Mass Media in Society na American University, Washington, D.C., onde morou em 1969-70, e trabalhou durante quinze anos na extinta Abril Cultural, redigindo e, depois, editando fascículos. Desde 1986, traduziu, sobretudo do inglês, mas também do francês, do espanhol e do italiano, mais de cinquenta livros, a maioria sobre história contemporânea, história da arte e história das religiões e quase todos para a Companhia das Letras. É autora de paradidáticos sobre história da arte, publicados pela Editora Moderna, e de adaptações de clássicos ingleses para público juvenil, publicadas pela Editora Scipione.

CYNTHIA GRIFFIN WOLFF estudou na Universidade Harvard, lecionou na Universidade de Boston, no Queens College, no Manhattanville College, na Universidade de Massachusetts, em Amherst e no MIT (Massachusetts Institute of Technology). Escreveu três livros: *Samuel Richardson and the Eighteenth Century Puritan Character*, *A Feast of Words: The Triumph of Edith Wharton* (segunda edição publicada em 1995 por Addison-Wesley) e *Emily Dickinson*. Organizou mais de uma dúzia de títulos e escreveu monografias e dezenas de ensaios — mais recentemente estudos de narrativas escravagistas e abolicionistas de meados do século XIX.

LAURA DLUZYNSKI QUINN cresceu em Ohio e fez doutorado em inglês na Universidade de Boston.

EDITH
WHARTON

A época
da inocência

Tradução

HILDEGARD FEIST

Introdução

CYNTHIA GRIFFIN WOLFF

Notas

LAURA DLUZYNSKI QUINN

PENGUIN 

COMPANHIA DAS LETRAS

Sumário

Introdução — Cynthia Griffin Wolff

A ÉPOCA DA INOCÊNCIA

Notas explicativas
Sugestões de leitura
Notas

Introdução

CYNTHIA GRIFFIN WOLFF

Na décima primeira hora do décimo primeiro dia do décimo primeiro mês de 1918, os canhões silenciaram. A Primeira Guerra Mundial chegou ao fim e tiveram início os preparativos para a paz. Um sentimento de alívio e gratidão propagou-se pelos países aliados, mas até mesmo a felicidade tinha um lado melancólico. Velhas ordens ruíram nessa *primeira* guerra “mundial”: sonhos foram desfeitos; o mundo mudou irreversivelmente; e nenhum artista compreendeu as contradições e complexidades da guerra e sua “trágica vitória” melhor que Edith Wharton, a grande romancista americana. Ela registrou sua vívida reação em *Fighting France* (1915): “Uma das coisas mais detestáveis da guerra é que tudo que está relacionado com ela, afora a morte e a ruína resultantes, constitui uma exaltação da vida, é visualmente estimulante e absorvente. ‘Era divertido e terrível’ é uma frase recorrente em *Guerra e paz* [de Tolstói]”.

Edith Wharton começou a escrever *A época da inocência* tão logo cessaram os combates, e a narrativa assumiu sua forma final catorze meses depois. Sob muitos aspectos, esse é seu “romance de guerra”: uma saudação à nova era e um memorial da era que terminara; mas é, principalmente, um estudo das complexas e íntimas relações entre coesão social e crescimento individual, e a recente experiência do conflito e da devastação por parte da autora entristece, aprofunda e enriquece sua visão.

Sempre isentas de sentimentalismo, as narrativas de Wharton geralmente exploram o incerto terreno entre dois perigos opostos.

Num extremo, estão a anarquia, a erradicação de todos os sistemas de ordem. Seus caóticos resultados são expostos no primeiro romance de Wharton, *The Valley of Decision*, uma saga dos levantes napoleônicos na Itália: “Por fim o homem estava livre — mais livre do que jamais sonharam seus supostos libertadores — e usava sua liberdade como um animal!”. No outro extremo, está a repressão sufocante, cujas consequências potencialmente fatais são descritas em obras-primas famosas como *The House of Mirth* e *Ethan Frome*. Contudo, se ambos os extremos são letais, o território intermediário é repleto de incertezas e só pode fornecer respostas parciais para nossos problemas humanos e nossas terríveis tribulações. Edith Wharton sustenta que a noção de felicidade “perfeita” — como a de liberdade “perfeita” — não passa de uma sedutora quimera que nos leva à destruição inevitável; e quase toda a sua ficção anterior à guerra focaliza a busca e a aceitação individual de alguma forma de felicidade parcial (e necessariamente *imperfeita*).

A nova dimensão introduzida pela Primeira Guerra Mundial foi uma preocupação com a sobrevivência não só de homens e mulheres individualmente, mas de uma cultura — de toda uma sociedade. Pouco antes de iniciar-se o conflito, Wharton começou a estudar arqueologia e antropologia — e não abandonou esses estudos durante as hostilidades. Aprendeu muito sobre culturas antigas e primitivas, porém mais importante que esses conhecimentos foi, talvez, sua constatação de que as culturas podem morrer, tornar-se “extintas”, como espécies que não passaram no teste da evolução. A guerra demonstrou, como nenhuma outra experiência, o que acontece quando uma sociedade inteira e suas tradições são implacavelmente atacadas. A conclusão do conflito revelara a heroica capacidade da França de resistir a esse ataque — resistir e até mesmo se fortalecer. No entanto, mostrara bem pouco da fortitude dos Estados Unidos, a terra natal de Edith Wharton, que só entraram na guerra pouco antes de seu final. Quais seriam as fontes da força americana? Que elementos da cultura americana poderiam contribuir não só para a verdadeira felicidade individual, mas também para a capacidade de resistência desse país que ainda não fora testado?

As experiências de Wharton durante o conflito transformaram-na para sempre; e não é por acaso que *A época da inocência* é um

romance pós-*Guerra Civil*, ambientado na década de 1870, mas concebido para descobrir essas forças culturais que permitiriam aos americanos sobreviverem à década de 1920.

Desde seu divórcio, em 1913, até sua morte, Wharton morou em Paris; já então uma escritora renomada, não fez dos anos de guerra um período de criatividade artística. Preferiu dedicar suas energias à causa dos Aliados e nisso, como em muitas outras coisas, foi prodigiosamente ativa e excepcionalmente bem-sucedida. Realizou feitos tão extraordinários que em 1916 recebeu a comenda de cavaleiro da Legião de Honra francesa, provavelmente a mais notável das muitas honrarias que lhe seriam concedidas por seu trabalho. Durante o conflito, desempenhou um papel admirável, prestando ajuda e apoio a civis e soldados.

Pouco depois que tiveram início as hostilidades, assumiu o comando dos American Hostels for Refugees [Albergues Americanos para Refugiados]. Sempre competente em sua profissão, porém inexperiente no mundo dos negócios, agora estava à frente de uma grande organização internacional. Os albergues acolhiam os milhares de pessoas desalojadas que semanalmente chegavam a Paris — fornecendo-lhes moradia, comida, cuidados médicos, emprego (ou, se necessário, treinamento profissional), creche e até mesmo um hospital específico para tuberculosos. Como diretora dessa organização durante quatro anos, Wharton trabalhou até a exaustão, muitas vezes pondo em risco sua saúde. Nessa época, praticamente deixou de lado sua atividade literária, publicando apenas uma obra de ficção, *Summer*, em 1917. Mas não parou de escrever, pois, além de administrar essa imensa rede de instituições de caridade patrióticas e angariar o dinheiro para mantê-las, tornou-se uma excelente correspondente de guerra.

Em *Fighting France*, as descrições de Paris — cidade que às vezes se empolgava com tantos homens preparando-se para seguir para a frente de batalha, mas com frequência mergulhava em profunda melancolia — nos permitem entender a apaixonada sensibilidade que a levou a uma atividade tão extraordinária:

Em toda parte, em todo quarteirão e a toda hora, entre os atarefados e confiantes parisienses de passo firme, veem-se outras pessoas, atordoadas e vagarosas — homens e mulheres carregando nas costas trouxas imundas, arrastando os pés hesitantes em seus sapatos rasgados, conduzindo pelas mãos crianças que igualmente se arrastam e levando no colo bebês exaustos: o grande exército dos Refugiados. Seus rostos são inconfundíveis e inesquecíveis. Quem já viu aquele olhar de muda perplexidade — ou aquele outro olhar de horror concentrado, com seus reflexos de chamas e ruínas — não consegue mais livrar-se da obsessão dos Refugiados.

Há muitas coisas excepcionais nos esforços de Wharton durante a guerra, porém um fio os percorre. Em nenhuma acepção do termo ela foi uma “benfeitora” da sociedade: via esses soldados aliados e esses refugiados como pessoas complexas, cujas alegrias e cujos horrores sentia tão intensamente quanto suas próprias alegrias e seus próprios horrores. Em *No Gifts from Chance*, sua biógrafa Shari Benstock lembra uma história inesquecível:

Uma mulher, “Mme. Marguerite M.”, passara catorze meses num cubículo de uma prisão alemã onde estavam confinados cerca de cinco mil civis. Durante esse tempo, recebeu a notícia de que seu marido, um soldado, morrera num campo de prisioneiros militares. Viu sua filha de sete anos morrer diante de seus olhos. Escutou os gritos de sua irmã ao ser estuprada por oficiais alemães diante dos dois filhos no cubículo vizinho. A irmã morreu; os filhos dela foram levados embora e nunca mais foram vistos. “Mme. Marguerite M.” adoeceu de tristeza, e, julgando-a insana, os guardas a libertaram. Um policial encontrou-a numa estação ferroviária de Paris e encaminhou-a para a casa de repouso de um dos albergues. “Ela estava lá havia algumas semanas, quando a vi pela primeira vez”, Edith escreveu, “e não me admirei de que seus carcereiros a considerassem louca. Hoje, ela está tranquila e recuperou o autocontrole; mas continua um trapo irreparável, uma vida desperdiçada. [...] Eu poderia falar de muitas outras pessoas como ela.

Pouca gente entendeu tão prontamente quanto Edith Wharton que a frente de batalha não começa e termina “lá fora”, em algum lugar “distante”, em algum campo arquetípico, onde jovens heroicos competem entre si na disputa pela “honra”. A guerra é “divertida”, mas também é “terrível”: destrói nossas harmonias fundamentais; e, se proporciona empolgação, energia e um senso de finalidade, também pode ameaçar-nos a todos com o desespero e a loucura.

Tendo visto os “reflexos de chamas e ruínas” no rosto de seus refugiados, Wharton resolveu assistir aos combates. Em 1915, foi várias vezes ao front, caminhou pelas linhas de batalha, conversou com os soldados e meditou sobre a fragilidade daquele equilíbrio sempre instável entre coerência e caos. Com frequência tinha uma missão específica a cumprir, como levar suprimentos para os hospitais e inspecionar as condições ali reinantes. Às vezes, o sofrimento de crianças órfãs lhe chamava a atenção, como atesta R. W. B. Lewis, outro de seus biógrafos:

Como os refugiados mais velhos, elas chegavam doentes em função das privações e da sujeira e estupificadas pelo medo: uma criança fora encontrada numa fazenda, onde passara cinco dias sozinha e sem comida; duas meninas foram tiradas dos braços do pai morto. Foram banhadas, vestidas, alimentadas e levadas ao jardim para brincar. As acomodações [providenciadas às pressas] funcionaram tão bem que o governo belga perguntou se Mme. Wharton poderia cuidar de outras seiscentas. [Logo] o Comitê de Resgate das Crianças da Flandres [...] administrava uma organização quase tão grande quanto a dos American Hostels.

O drama individual dos refugiados acabou se tornando um horror corriqueiro.

Mas as estadas no front revelaram também um horror maior — uma destruição generalizada, sistemática: aldeias arrasadas em conformidade com a tática da terra devastada; pessoas indefesas — mulheres, velhos, crianças — brutalizadas “por brincadeira”. Eram atos calculados para aniquilar a civilização de um país e, assim, matar sua vontade de resistir.

Como Wharton repete ao longo de *Fighting France*, o objetivo final do inimigo era anular o sentido de comunidade dos Aliados. Numa aldeia após outra,

deparava-se [...] constantemente com o espetáculo de todos os terrores, angústias, extrusões e dilaceramentos envolvidos na destruição das mais obscuras comunidades humanas. As fotografias nas paredes, os raminhos murchos sobre os crucifixos, os velhos vestidos de noiva nos baús, os maços de cartas escritas zelosa e penosamente decifradas, todos os mil e um fragmentos do passado que dão sentido e continuidade ao presente.

Assim, talvez não surpreenda que ela também constatasse um impulso “doméstico” entre os soldados no front. Homens que conviviam com a incerteza, homens que marcharam e lutaram no campo desfigurado, homens que corriam o risco da mutilação e da morte — eram também homens que muitas vezes construía casas e aldeias provisórias.

As casas são parcialmente subterrâneas, interligadas por profundas “entranchas” sinuosas providas de pontes rústicas e tão cobertas de relva que a parte situada acima do solo é à prova de bomba. Mas são casas de verdade, com portas e janelas de verdade. [...] Em outras animadas catacumbas encontramos fileiras ordenadas de beliches, mesas comunitárias, panelas chiando no fogão. A inventividade era infinita em todo canto.

Wharton concluiu que o impulso de criar uma comunidade se tornara componente indispensável da sanidade no front. Assim, tão logo o inimigo destruía aquelas lembranças triviais que, em conjunto, criaram um “passado”, reuniam-se novas associações e novas lembranças para substituí-las. O que Wharton observou e registrou foi, portanto, a firme determinação dos soldados de estabelecer uma rede de relações e espaços familiares — a mais primitiva reação da sociedade à ameaça de extermínio.

Edith Wharton tinha 53 anos quando testemunhou a violência e a brutalidade que suscitaram essa domesticidade nas trincheiras. A coragem e a preocupação que a levaram para as frentes de batalha e a vigorosa criatividade com que assumiu o comando das instituições de caridade dos Aliados eram incomuns em qualquer pessoa; numa mulher — e sobretudo numa mulher de sua idade e em suas circunstâncias — eram extraordinárias. Não só sua formação não a preparara para isso, como tudo que existira no mundo de sua infância era claramente contrário a tamanha ousadia e a tanto espírito de iniciativa.

Edith Newbold Jones nasceu em 24 de janeiro de 1862. Seus pais faziam parte de um círculo exclusivo de indivíduos que herdaram fortunas e gozavam de privilégios sociais, um pequeno mundo chamado “Velha Nova York”.

Se existem americanos de origens aristocráticas, Edith Wharton certamente é um deles: seu bisavô, Ebenezer Stevens, participou do Boston Tea Party.* Mais tarde, como oficial na Guerra de Independência, participou das vitórias de Saratoga e Yorktown, e dizia-se que suas engenhosas manobras foram responsáveis por frustrar o bloqueio de Annapolis pelos ingleses. Depois da guerra, estabeleceu-se em Nova York e tornou-se um próspero comerciante das Índias Orientais, mas continuou agindo em conformidade com sua noção de dever cívico. Assim, embora se dedicasse ao comércio, destacou-se também em numerosas áreas do serviço público: viajou em missões confidenciais a mando dos governos francês e americano e atuou em inumeráveis comitês da cidade de Nova York. Edith Wharton o admirava por sua astúcia, seu sucesso e seu elevado senso de honra. Homenageou-o, chamando sua casa em Lenox de “O Monte” — o mesmo nome da casa de campo do bisavô —, e em sua autobiografia, *A Backward Glance*, descreve longamente seu ilustre antepassado, explicando:

Se me demorei na trajetória desse cidadão exemplar foi por causa de uma secreta predileção por ele. [...] Gosto sobretudo da abundante energia, da pronta adaptabilidade e da *joie de vivre* que o levavam de uma aventura a outra, em meio à guerra, ao comércio e à família (ele se casou duas vezes e teve catorze filhos). [...] Mas talvez eu me

sinta mais próxima dele quando olho para meus suportes de achas em forma de águia e penso nas belas molduras de lareira policromadas que ele encontrou tempo para trazer da Itália a fim de fazer companhia às laranjeiras em seu terraço.

Wharton se deliciava com a estética do parente distante; respeitava-o pela capacidade de combinar dinamismo e tino para os negócios com dedicação à família e realização de serviços de interesse público em tempos de paz; na verdade, parece que sua vontade de imitá-lo e até mesmo sua identificação com ele na vida adulta foram muito além de simplesmente batizar sua casa com o nome da casa dele.

No entanto, se foi uma inspiração para a bisneta (e, talvez, sobretudo durante e após os anos turbulentos da Primeira Guerra Mundial), o general Ebenezer Stevens foi um modelo distante e indistinto. As influências mais próximas na vida de Edith Jones Wharton foram os pais e os amigos dos pais; e, de modo geral, a Velha Nova York de sua mocidade preferiu manter-se à margem daquela era de arrojado vigor e atuante virtude. É bem verdade que uns e outros ainda tentavam viver tão intensamente quanto Ebenezer Stevens e contribuía com grandes ou pequenos gestos para a honra e o aprimoramento de sua comunidade. O melhor desses cidadãos, segundo Wharton, era Theodore Roosevelt, um amigo pessoal que gozava de seu profundo respeito. Contudo, muitos integrantes dessa classe privilegiada se tornaram fracos e cheios de si — tacanhos, rígidos e, às vezes, despropositadamente punitivos. Quando Edith Jones nasceu, o pequeno mundo da Velha Nova York, que já havia sido vibrante, era, em linhas gerais, sufocante, até mesmo para os homens; e para as mulheres suas convenções se tornaram opressivas.

George Frederic Jones, pai da escritora, recebeu uma polpuda pensão até o momento em que, com a morte do pai, herdou uma considerável fortuna. Consta que era um homem bom e generoso; a filha o adorava. Ele nunca trabalhou para ganhar a vida e ocupava o tempo com os hobbies de seu círculo — “pesca, regata, caça a aves selvagens”. Seus defeitos eram os pecados da omissão: indiferença e propensão a ser dominado pela vontade forte da esposa.

Lucretia Rhinelanders Jones, a mãe de Edith, podia orgulhar-se de sua herança, embora tivesse crescido em condições relativamente

modestas: seu pai morrera aos trinta anos, deixando a jovem viúva e os quatro filhos dependentes da generosidade da família. Lucretia era uma beleza na juventude e, quando se casou com George Jones, finalmente pôde cultivar essa beleza. O casal passou uma longa lua de mel na Europa, e, mais tarde, Edith Wharton lembrou as histórias que os pais lhe contaram desse início de sua vida conjugal e sobretudo de sua primeira viagem a Paris:

Os ombros caídos e a cintura fina [da mamãe] se destacavam lindamente nos maravilhosos vestidos adquiridos nessa primeira viagem à capital da moda. Tudo isso aconteceu anos antes de meu nascimento; mas a tradição de elegância nunca foi abandonada, e [...] eu participava da empolgação causada pela chegada anual do “baú de Paris” e do encantamento suscitado pelos vestidos esplendorosos que, um após outro, eram retirados de seu invólucro de papel de seda. Uma vez, quando eu era pequena, minha bela e séria tia Mary Newbold, irmã de minha mãe, perguntou-me, com edificante interesse: “O que você quer ser quando crescer?”. E com toda a minha boa-fé, obedientemente respondi: “A mulher mais bem-vestida de Nova York”. Ao que ela exclamou, horrorizada: “Oh, não diga isso, querida!”. E eu repliquei, admirada: “Mas, titia, você sabe que a mamãe é”.

Lucretia e George Jones eram gregários; adoravam receber; e dizia-se que a expressão “*keeping up with the Joneses*”** foi cunhada para descrever o esplêndido entusiasmo social dos pais de Edith Jones Wharton!

Seria de se esperar que, com pais como esses, Edith tivesse diante de si pelo menos a promessa de uma vida despreocupada, com muita diversão e muita atividade social. Mas a realidade estava longe de ser divertida para ela. Seus dois irmãos tinham, respectivamente, treze e quinze anos por ocasião de seu nascimento, e parece que a família não só não planejou sua chegada como, em grande parte, não a viu com bons olhos. A mãe não fazia segredo de sua preferência pelos filhos homens.

Lucretia era crítica e distante com relação à filha, estava sempre pronta a ridicularizá-la em tudo, do cabelo ruivo e dos pés

supostamente “grandes” à seriedade da menina. Quando o talento literário de Edith aflorou (em tenra idade), a reação da mãe foi um misto de horror e fascínio. E quando ela realmente começou a escrever ficção, Lucretia tratou de sufocar esse impulso com o maior rigor possível:

Não se considerava necessário alimentar minhas ambições literárias com papel ofício, e, na falta desse material, fui obrigada a esmolar o papel dos embrulhos entregues em casa. Depois de algum tempo, esse papel passou a ser visto como propriedade minha, e eu sempre tinha em meu quarto uma pilha de grandes folhas pardas. Nunca me ocorreu dobrá-las e cortá-las, e eu costumava espalhá-las pelo chão e engatinhar sobre elas.

Assim, embora viesse a expressar admiração pela beleza, pelo bom gosto e pelo desvelo de Lucretia com a elegância da linguagem precisa, Edith Wharton tinha poucas outras lembranças positivas da “mamãe”; na verdade, a escritora adulta constantemente a descreve com imagens de frieza glacial, como indiferente na melhor das hipóteses e desdenhosa na pior delas. Uma mãe com a hostilidade de Lucretia seria difícil em quaisquer circunstâncias; na atmosfera da Velha Nova York, sua atitude reforçava o efeito de um ambiente já infestado de elementos perniciosos.

Todas as lembranças da infância de Wharton reconhecem uma curiosa mistura de força e carência na sociedade em que ela nasceu.

Por um lado, muitos dos antigos valores se mantinham: a honra, a lealdade e a dedicação à família que caracterizaram a vida de Ebenezer Stevens ainda eram visíveis na vida de seus descendentes. Os méritos da Velha Nova York, Wharton diria,

estão na preservação de dois padrões importantes em qualquer comunidade: o da educação e das boas maneiras e o da escrupulosa probidade nos negócios e nos assuntos particulares. Nova York sempre foi uma comunidade comercial, e em minha infância os méritos e defeitos de seus cidadãos eram os de uma classe média mercantil. O primeiro dever dessa classe consistia em observar um rígido padrão de honestidade nos negócios; e os homens da época de

meu pai o observaram: nas leis, nas atividades bancárias, na navegação, no comércio atacadista. [...] Eu diria que as qualidades que justificavam a existência de nossa velha sociedade eram urbanidade social e incorruptibilidade financeira.

Por outro lado, no entanto, a Velha Nova York perdera a imaginação, tornara-se letárgica e potencialmente rígida no exercício dessas virtudes.

Um pequeno mundo tão bem organizado e tão rico não costuma produzir águias ou fanáticos, e parece que ambos estiveram ausentes da esfera em que meus ancestrais transitavam. [...] O conformismo é a praga das comunidades de classe média. [...] Relembrando aquele pequeno mundo e o “estoque de pequenas máximas” com que os velhos destruíam qualquer tipo de iniciativa, muitas vezes eu me surpreendia com tamanha apatia nos descendentes dos homens que conquistaram seu espaço no novo mundo. O que foi feito do espírito dos [...] revolucionários?

Talvez tenha sido justamente esse conformismo que, no plano individual, parecia mais opressivo a Edith Jones, escritora em potencial.

Seus pais e os amigos de seus pais não se interessavam por música ou por artes plásticas; achavam os escritores potencialmente perigosos, “boêmios” — gente que devia ser excluída dos círculos refinados. Paradoxalmente, os Velhos Nova-Iorquinos tinham profunda veneração pela beleza, venerando em especial (e quase exclusivamente) a aparência dos filhos — e, claro está, sobretudo das filhas.

Naquela sociedade simples, havia uma adoração quase pagã da beleza física, e a primeira pergunta que se fazia sobre qualquer jovem que acabava de entrar na vida social era, invariavelmente: “Ela é bonita?” ou “Ele é bonito?” — pois a boa aparência era tão valorizada nos rapazes como nas moças. [...] Minha lembrança mais vívida é das pitorescas reuniões do clube de arco e flecha. [...] E uma reunião dessas era um bonito espetáculo, com os pais e os mais

velhos sentados em semicírculo no gramado, atrás das lindas arqueiras com suas sedas ou musselinas esvoaçantes, seus largos chapéus de palha, seus véus pesados jogados para trás no momento de mirar o alvo. Esses véus estão associados com todas as festividades dos verões de minha infância. [...] Nenhum atributo era tão bem cotado quanto “uma boa cútis”. [...] A beleza era impensável, sem “uma boa cútis”, e para defender esse tesouro contra o sol, o vento e a arqui-inimiga aragem marinha usavam-se habitualmente véus espessos como cortinas.

Afora o respeito pela graça juvenil, a capacidade dessa sociedade de apreciar a beleza era ridiculamente restrita.

Jovens casais em lua de mel na Europa adquiriam cópias ricamente emolduradas de telas dos “velhos mestres”; jovens matronas colecionavam porcelana ou rendas antigas; e a casa dos recém-casados era, em geral, tão desconfortável e formal que até as paredes pareciam estofadas. Essas eram suas noções de cultura e bom gosto.

Nesse ambiente, as moças tinham uma relação específica e obrigatória com a beleza: tinham de ser objetos supinamente belos. Assim, o véu que protegia as jovens arqueiras pode bem representar uma prática mais geral de confinamento e proibição. As moças tinham de ser belas. *Criar* beleza — tornar-se *artista* — *escrever romances!* (Por dinheiro!) Tais ocupações já seriam reprováveis num homem; numa mulher eram simplesmente inconcebíveis!

Assim, no mundo em que Edith Jones Wharton cresceu — ou seja, no mundo em que ela ambientou *A época da inocência*, seu grande romance —, a conduta aceitável numa jovem era tão rígida quanto seu espartilho (que ficava em pé sozinho); as perspectivas dos rapazes também eram limitadas; e o resultado era mutilante — potencialmente letal — para o espírito de homens e mulheres.

Libertar-se das restrições desse mundo e dos padrões de mediocridade vigentes na casa de sua mãe foi uma façanha heroica na vida de Edith Wharton. O relato de sua luta pessoal é, por si só, uma narrativa absorvente que ainda hoje pode nos esclarecer e inspirar.

Talvez não surpreenda que, no início de sua carreira literária, sua imaginação tenha sido dominada pelas deficiências da Velha Nova

York — e em especial pela escassez de opções para *mulheres* talentosas e vigorosas. Como escrevi em outro texto: “A menina passara anos assistindo, extasiada, à abertura do baú anual dos vestidos que chegavam de Paris para a mãe. Tinha fome de beleza em todas as formas e devia ser excepcionalmente suscetível à imagem da mulher como uma bela obra de arte”. Pouco a pouco, porém, Wharton “se convenceu de que ‘fazer’ era uma fonte de força, enquanto ‘ser’ apenas cerceava a inventividade individual. Sim, havia problemas objetivos para a mulher que escolhia criar beleza; mas, tudo somado, escrever não colocava nenhum obstáculo intrínseco à intimidade emocional [...] e infundia uma força que não se podia encontrar em parte alguma”.

Os primeiros contos, como “The Muse’s Tragedy” e “The Valley of Childish Things and Other Emblems”, investigam os trágicos efeitos da injunção de “ser” em lugar do estímulo para “fazer”; nesses textos, Wharton muitas vezes dá particular atenção à relação entre as mulheres e a beleza ou a arte, ao mesmo tempo que se mostra mais e mais determinada a realizar todo o seu potencial como artista ativa e bem-sucedida. A mais magnífica e complexa análise dessa trágica herança “feminina” é *The House of Mirth* (1905), seu primeiro romance nova-iorquino (e uma de suas melhores obras de ficção); a heroína, Lily Bart, sofre as desastrosas consequências de uma tradição que permitiu às mulheres apenas uma responsabilidade — a de tornar-se a encarnação da beleza e da perfeição artística — e apenas uma “carreira” — a de conseguir um bom casamento.

Contudo, sob certos aspectos essa crítica do mundo ao qual ela pertencia é enganosa. Wharton sempre abominou “soluções” fáceis para problemas difíceis; assim, sua condenação da tacanhice da Velha Nova York sempre é contrabalançada por seu reconhecimento das dificuldades presentes em qualquer tentativa de encontrar alternativas práticas. Pouco lhe interessavam grandes gestos de ousadia individual: ela nunca admirou a rebeldia pela rebeldia, nem acreditava que qualquer indivíduo inteiramente livre do fardo das imposições sociais pudesse “realizar-se”.

A seu ver, a relação entre o eu e a sociedade é *intrínseca* e *inescapável*; para tornar-se um “eu” maduro — um adulto realizado e feliz — todos (homens e mulheres) precisam desempenhar papéis

sociais gratificantes e viáveis. Ademais, Wharton acha que não conseguir encontrar um lugar realmente significativo numa comunidade vital e admirável acaba tendo consequências fatais: a exclusão do convívio com outros indivíduos significativos equivale a uma forma de morte. Assim, os desejos tentadores de “absoluta realização pessoal” ou “liberdade total” nunca podem ser mais que quimeras sedutoras e letais; e é catastrófico perseguir tais ilusões.

Se os romances de Wharton têm um “final feliz”, a felicidade é restrita, porque (como ela muitas vezes assinala) na vida real a alegria sempre é limitada. Portanto, o *verdadeiro* desafio de cada homem e de cada mulher nunca pode ser o de encontrar a perfeita felicidade; antes, deve ser o de criar alguma forma de felicidade *possível* — com amor-próprio e a parcial realização das esperanças e aspirações pessoais. Nesta vida, ninguém pode esperar mais que isso.

As experiências de Wharton durante a Primeira Guerra Mundial afetaram profundamente sua visão da condição humana, sempre sóbria e equilibrada. Os romancistas americanos que costumamos associar com a desilusão subsequente ao conflito eram mais jovens que ela, porque em geral foram só os jovens, como Fitzgerald e Hemingway, que testemunharam a carnificina. Edith Wharton era única: era capaz de lembrar os “velhos hábitos” do mundo pós-Guerra Civil no qual transcorreu sua infância em Nova York e também de entender os “novos hábitos”. Conseguia partilhar o desencanto da “geração perdida” e até compreender que essa geração se sentisse traída nos anos de 1920; não obstante, talvez como decorrência de sua maturidade, esse confronto com a melancólica realidade da destruição não a levou ao desespero, e sim a uma visão mais complexa da condição humana e a um sentimento de compaixão mais desenvolvido.

Edith Wharton admirava os franceses pela persistência na luta apesar das privações e das devastações que sofreram, pela capacidade de recuperação e pela força como nação. “Nas grandes tribulações, uma raça é testada por seus valores”, escreveu, “e a guerra mostrou ao mundo os verdadeiros valores da França.” Ela se perguntava como o povo desse país em guerra conseguira sobreviver, ser forte, resistir; e concluiu que isso ocorrera porque os franceses tinham preservado seu senso de “significados maiores”: “Entenderam que a vida é feita de

muitas coisas passadas e futuras, de renúncia e de satisfação, de tradições e de experimentos, de morrer e de viver”.

A França triunfara sobre a guerra por causa de sua honestidade, seu senso realista de valores e sua fidelidade a um conjunto coerente de tradições. Wharton observa em *Fighting France*:

“Todos os civis parecem formar uma única figura simbólica, levando ajuda e esperança aos combatentes ou debruçando-se com desvelo sobre os feridos. A dedicação, a abnegação parecem instintivas; mas na verdade se devem a um conhecimento racional da situação e a uma sólida estimativa dos valores. A França inteira sabe hoje que a ‘*vida*’ real consiste nas coisas que a tornam digna de ser vivida.

As experiências de Wharton durante a Primeira Guerra Mundial acabaram demonstrando uma verdade poderosa, mas paradoxal. É preciso haver sempre um equilíbrio entre “renúncia” e “satisfação”: a felicidade pessoal depende da sobrevivência da comunidade; contudo, a sobrevivência da comunidade depende da disposição de cada indivíduo de sacrificar ao bem geral uma parte de sua gratificação pessoal. Sem esse equilíbrio, os direitos individuais e a existência civilizada coletiva estarão perdidos.

Assim, enquanto os jovens romancistas americanos da geração do pós-guerra dançavam na febril excitação da era do jazz, com seu amor “livre” e sua interminável, vertiginosa busca do prazer, Edith Wharton abraçava a maturidade. Num pequeno livro posterior à guerra, intitulado *French Ways and Their Meaning* (1919), ela recorda uma conversa que teve com William Dean Howells*** em 1906:

Falávamos dessa estranha exigência do público americano que compele o dramaturgo (se quer ser representado) a concluir sua peça, seja qual for o ponto de partida, com o “foram felizes para sempre” dos contos de fada. [...]

“Sim”, disse Mr. Howells, “o que o público americano quer é *uma tragédia com final feliz*. [...]”

“Uma tragédia com final feliz” é exatamente o que a criança quer [ouvir] antes de dormir [...], mas, enquanto precisa disso, permanece criança, e o mundo em que ela vive é um mundo-berçário. As coisas

nem sempre correm bem para o mundo inteiro, e todo homem tem de descobrir isso ao crescer. É a descoberta que o faz crescer, e ele só cresce quando encara esse fato e aprende a lição [...]

Isso vale também para países e povos. A “vida numa redoma”, seja do indivíduo, seja da nação, tem de sofrer um despertar violento e trágico — ou não despertar nunca.

Terminada a guerra, Wharton esperava que os Estados Unidos também abraçassem a maturidade — que, como país, comesçassem a procurar um equilíbrio entre “tradição” e “experimento”, entre “renúncia” e “satisfação” — e alcançassem por fim a judiciosa sabedoria que fortalecera a França em seu perigo mortal.

Nos primeiros anos do pós-guerra, ela estava otimista em relação ao futuro dos Estados Unidos.

Finalmente estamos crescendo; e é só na maturidade que um homem olha para o passado e vê a utilidade das restrições que o irritaram em sua impaciente juventude. Assim é também com os povos e os países; e os Estados Unidos chegaram ao ponto de seu desenvolvimento em que poderão entender melhor o que tem mantido a robustez de povos mais antigos e civilizações mais maduras.

Assim, seu melhor e mais sutil “romance de guerra” não é nem uma tragédia brutal transcorrida no campo de batalha, nem uma sátira apocalíptica da era do jazz. É um “olhar para o passado” a fim de analisar as “restrições” que a atormentaram em sua “impaciente juventude”. Agora, Wharton tinha a vantagem da idade e da perspectiva; e seu “romance de guerra” é tão singular quanto a presença ativa dessa americana de meia-idade em Paris durante o conflito. Talvez seu romance mais pessoal, talvez seu romance mais americano, talvez mesmo seu maior romance: *A época da inocência* é sua extraordinária narrativa do pós-guerra.

Os críticos que viram *A época da inocência* como um retorno sentimental da autora à época de sua juventude não compreenderam isso. Seria interessante, por exemplo, anotar todas as vezes que as

palavras *real* e *realista* são utilizadas, sobretudo mais perto do final do romance; pois, quando mais não seja, trata-se de um apelo urgente e encorajador aos leitores para que abandonem fantasias irrealizáveis e procurem desfrutar os prazeres profundos e concretos que a “vida real” pode proporcionar. *Newland Archer* é o herói quintessencialmente americano de Wharton, lembrando, talvez, Christopher *Newman*, do romance *O americano*, de Henry James. Como muitos heróis de James, *Newland Archer* só consegue aprender alguma coisa sobre si mesmo e sua terra natal após deparar com as perversões de antigas civilizações europeias — o que ocorre não por ocasião de uma viagem ao exterior, e sim em função de suas conversas com uma visitante estrangeira, Ellen, mulher do depravado conde Olenski.

Se tinha em mente o exemplo de seu querido amigo Henry James quando escreveu *A época da inocência*, Edith Wharton também estava pensando em outros romancistas, sobretudo em Tolstói. A frase “era divertido e terrível”, de *Guerra e paz*, ressoava em sua cabeça durante o conflito; agora, nesses anos do pós-guerra, outra obra-prima de Tolstói seduzia sua imaginação: *Anna Kariênina*. Esse romance investiga as mesmas tensões sobre as quais Wharton escreveu com tanta frequência — o conflito entre as imposições da tradição e as exigências da liberdade individual. Nesse momento de sua trajetória, ela estava tão determinada a descrever com exatidão e vigor a tensão entre essas antíteses que experimentou diversas possibilidades narrativas antes de escolher a versão final de *A época da inocência*.

Os arquivos Edith Wharton da Beinecke Library, na Universidade Yale, contêm dois enredos alternativos inteiramente desenvolvidos. No primeiro, Archer está noivo quando encontra Mme. Olenska e se apaixona por ela; casa-se com a noiva, estabelece-se em Nova York e constata que sua paixão permanece inalterada. Corre a encontrar-se secretamente com Mme. Olenska na Flórida e decide romper com todo o resto. Mas pouco a pouco se dá conta de que lhe é profundamente *desconfortável* tentar viver fora da sociedade que conhece desde sempre. Por sua vez, Mme. Olenska logo se cansa de Archer. No fim, ambos entendem que, *na realidade*, nada têm em comum. Voltam para Nova York sem que ninguém saiba de sua

aventura romântica, e pouco depois Mme. Olenska parte em definitivo para a Europa.

Na segunda versão, May libera Newland de seu compromisso; ela se casa com outro homem, e ele se casa com Mme. Olenska. Newland e Ellen conhecem a suprema felicidade durante a lua de mel, porém, quando voltam para Nova York, suas diferenças de personalidade e de interesses se evidenciam. Archer só é feliz no mundo que o plasmou; Ellen se entedia terrivelmente fora do mundo sofisticado e culto que conheceu na Europa. O casal opta por uma separação formal: Ellen se muda definitivamente para o exterior, e Newland volta para casa, onde pretende viver o resto de seus dias com a mãe e a irmã.

O que esses dois enredos mostram é o inevitável fracasso da visão puramente romântica — uma história nos moldes de *Anna Kariênina*, mas talvez ainda mais melancólica por faltar-lhe o impacto do suicídio no final. O primeiro é profundamente comovente; o segundo poderia ser terrivelmente trágico.

O que Wharton constata com benevolência e absoluta clareza é que tanto Newland quanto Ellen se percebem um ao outro basicamente em termos de uma necessidade pessoal romantizada. Assim, embora possa parecer a realização dos *sonhos* de Newland Archer — representando “liberdade”, mistério e o mundo desconhecido da arte e do intelecto —, Ellen Olenska é uma mulher de carne e osso com quem ele tem pouco ou nada em comum. Da mesma forma, Ellen, vulnerável e enfraquecida, sente-se atraída por Newland — que representa estabilidade, ordem e proteção —, mas o que ela ama é a segurança e a honra que ele parece encarnar, e não as particularidades de sua personalidade. (Na verdade, Ellen acha a companhia do sofisticado Beaufort mais interessante que a de Newland Archer.)

O centro do romance é a busca da verdadeira felicidade, que coincide com a busca da maturidade, por parte de Newland. Um fato inescapável restringe essa busca: os componentes mais profundos e indelévels da natureza de Newland Archer foram forjados e alimentados nos estreitos limites do mesmo mundo cujas restrições o exasperam. Ele pode ser capaz de melhorar, de crescer — até de alcançar a sabedoria e a satisfação. Porém nunca será capaz de operar uma transformação fundamental. Ainda que encontre a felicidade, a

natureza de sua satisfação sempre será, necessariamente, limitada pelo tipo de pessoa que ele é.

Por causa de suas falhas, é importante perceber até onde a história é contada de seu ponto de vista. Ainda mais importante é reconhecer a frequência com que ele emite julgamentos equivocados, sobretudo no começo do romance. Quando o vemos pela primeira vez, ele nos parece decente e honrado — desde que essas virtudes não exijam muito mais que boas maneiras. A pior possibilidade aventada pelo romance é que Newland nunca vá além dessa estreita consciência de seus deveres e de suas relações no mundo; que acabe se tornando uma espécie de cópia carbono de Larry Lefferts e seus amigos. O capítulo inicial aponta claramente para essa possibilidade. A minuciosa apreciação que Newland faz de sua jovem noiva e os planos que tem para o futuro dela — “Queria que (graças a sua instrutiva companhia) ela adquirisse tato social e agilidade mental para manter-se em pé de igualdade com as mulheres casadas mais benquistas da ‘ala jovem’” — mostram convincentemente a fatuidade potencial de sua personalidade. Tais opiniões constituem um bom indício das possibilidades morais e emocionais de situações concretas; o leitor atento deve ter em mente as sérias limitações das tendências românticas, egoísticas e visionárias que interferem na maneira como Newland vê seu mundo.

Em contrapartida, May e Ellen são realistas ferrenhas; ironicamente, sempre sabem mais que Newland o que está “de fato” acontecendo. *O ramo de ouro*, obra que Wharton leu pouco antes de escrever *A época da inocência*, mostrou-lhe o poder implacável do Culto de Diana — uma força usada para proteger mães e filhos —, e May, que se torna uma “Arqueira” ao casar-se, encarna o vigor resolutivo representado por essa protetora do reino doméstico. A fim de chamar a atenção dos leitores para essa sugestão, Wharton entremeia a narrativa com alusões a culturas antigas e à mitologia clássica e com referências às várias formas de combate que podem ser associadas a essa deusa militante e a seus pares olímpicos. May está longe de ser ignorante, como tenta inutilmente mostrar a Newland. (É um exercício interessante observar, a cada momento crucial do romance, o que May provavelmente sabe — apesar de Newland estar convencido de sua ignorância e de sua “inocência”.) Ademais, ela é capaz de

grande generosidade; ao perceber que Newland está emocionalmente envolvido com outra mulher, oferece-lhe a liberdade, quando ele parece desejá-la, ainda na época do noivado. Contudo, uma vez selado o compromisso definitivo, passa a proteger seu lar com uma determinação digna da deusa Diana. May desconhece o mundo sombrio e depravado em que Ellen sofreu e do qual acabou de fugir; mas entende muitas das limitações de Newland Archer e concorda com Ellen no tocante às necessidades da vida — em especial às relacionadas com lealdade e honra.

Paradoxalmente, portanto, May e Ellen com frequência expressam sentimentos semelhantes. Quando Newland impulsivamente lhe propõe fugirem para se casar, May sensatamente aniquila seu plano romântico: “Não podemos agir como personagens de romance”. Bem mais adiante, quando Newland propõe a Ellen que fujam para um lugar onde possam ser inteiramente livres, ela descarta a ideia com ceticismo: “Onde fica esse lugar?”.

Ademais, a seu modo, Ellen por certo é tão “inocente” quanto May; durante grande parte de sua estada nos Estados Unidos, acredita que, em Nova York, poderá encontrar pessoas descomplicadas e simplesmente “boas” e “generosas”. Apesar da sombria iniciação de seu casamento, evidentemente não percebeu dois fatos incontornáveis: que as paixões perigosas e primitivas existem em toda parte porque estão no âmago da própria humanidade e que são os rituais concebidos para controlar e refrear a expressão violenta desses sentimentos que variam de uma cultura para outra. O que ela descobre, no fundo de seu ser, é que todos — em todo lugar — precisam da segurança que só uma sociedade bem estruturada pode proporcionar. No fim, como parte da generosidade de May (e uma notável indicação da “bondade” da Velha Nova York), a família oferece a Ellen a proteção e o apoio “tribais” que lhe serão necessários para levar uma vida confortável e relativamente livre na Europa.

Wharton estava bem ciente das limitações do mundo que retrata neste romance: entendia que sua brutalidade apenas se revestia prudentemente dos costumes gentis da cordialidade. Por outro lado, também reconhecia que seu mundo tinha elementos positivos e vivia um processo de mudança inevitável. Novas famílias estavam invadindo os domínios da Velha Nova York; antigos costumes e

restrições pouco a pouco cediam lugar a inovações e melhorias. A mudança era lenta, dolorosamente lenta. Não obstante, havia uma clara possibilidade de que esse processo de evolução acabasse por produzir um novo tipo de sociedade, que preservasse as qualidades admiráveis da Velha Nova York e as combinasse com práticas mais esclarecidas. E — o mais importante — havia esperança de que essa mistura de retidão moral com liberdades mais generosas criasse uma comunidade mais forte e uma cultura cujos valores pudessem perdurar.

A época da inocência é, portanto, um romance de paciência e compaixão. Nunca afirma que a Velha Nova York era um idílio ao qual a frenética sociedade moderna deveria retornar (ao contrário, revela com implacável precisão as falhas da Velha Nova York). Tampouco sugere que o mundo dos herdeiros seja ideal. Ao contrário, propõe crescimento, equilíbrio e tolerância. E, no caso de Newland Archer, apresenta o dom imprevisível e incomparável do amor-próprio na meia-idade: “Havia algo de bom nos costumes antigos [...] Havia algo de bom na nova ordem também”.

Por fim, como grande parte do romance sugere, poucas pessoas — mesmo “naquela época” — eram tão “inocentes” quanto nós, modernos, podemos ingenuamente imaginar. Edith Wharton recorreu ao gracejo gentil para mostrar isso. *A época da inocência* é o título de um quadro famoso de Sir Joshua Reynolds. É o retrato de uma menina de quatro ou cinco anos. Essa é a única “época da inocência” verdadeira, Wharton ironicamente insinua. Não devemos pensar que um intrincado sistema social seja inocente, pois é quase certo que acabaremos enrascados em suas sutis complexidades.

* Em 16 de dezembro de 1773, colonos de Boston disfarçados de índios atacaram três navios ingleses e jogaram no mar várias caixas de chá, em protesto contra medidas britânicas que prejudicavam os comerciantes locais. O episódio se tornou conhecido como Boston Tea Party, ou Festa do chá em Boston. (N.T.)

** Tentar alcançar ou superar o padrão de vida de amigos, vizinhos, colegas e conhecidos endinheirados. (N.T.)

*** Jornalista, romancista e crítico literário americano (1837-1920). (N.T.)

Nota do tradutor: O texto desta edição de *A época da inocência* segue a edição de Scribner (1993), que, por sua vez, baseia-se na abalizada edição da Library of America (1985).

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A época da inocência"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).